

## **Memória em Metamorfose no Trabalho do Grupo Totem para a Criação de ITAÊOTÁ**

\*Por Taína Veríssimo

Através deste texto venho realizar um diálogo entre o trabalho com as memórias das danças realizado pelo Acervo RecorDança, equipe da qual faço parte, e a criação do espetáculo ITAÊOTÁ do Grupo Totem, grupo que integro como performer e produtora. Proponho então, que o Totem fale de si através de mim e deste exercício de escrita, possibilitando também o encontro com outros vestígios em torno do trabalho artístico do grupo, que foram organizados em fases anteriores do acervo e que se encontram disponíveis no site [www.acervorecordanca.com](http://www.acervorecordanca.com). Assim, durante esse texto, é possível que me desloque entre o eu, o nós, o grupo, o acervo, pois, como exercício de se implicar na história, integrar ou se diferenciar está também em construção.

Para compor esta trama sobre parte da memória do Totem que vem sendo resguardada pelo RecorDança, venho falar do processo criativo do espetáculo ITAÊOTÁ. Isto porque, para esta criação, o Totem partiu da própria memória do grupo, revisitando dois de seus espetáculos históricos, para a partir deles e tendo o conceito de descolonização como estímulo, gerar um novo trabalho que teve sua estreia em 25 de agosto de 2022, no Teatro Hermilo Borba Filho. Este processo envolveu a comunicação entre memórias diversas, tanto de quem vivenciou os antigos espetáculos do grupo, quanto de quem integra o grupo atualmente, seja rememorando ou atualizando-as.

A criação partiu das proposições levantadas pelos espetáculos fontes, que permeiam entre as memórias evolutivas animal, celular, primal, humano ancestral, originárias, sociais, econômicas, ambientais, urbanas, sendo revisitadas, reconstruídas, metamorfoseadas. O processo de pesquisa criativa do grupo, foi adensada ainda pela memória coletiva deste momento mundial triste e desafiador vivido durante a pandemia, e do qual ainda não nos desvencilhamos completamente. Ao performar memórias, de forma reflexiva e criativa, vamos ampliando experiências e narrativas, nesta constante dança universal que cria infinitamente novas memórias.

Em seu histórico, o Totem vem construindo uma trajetória, durante seus 34 anos de atuação, que o faz habitar as fronteiras entre as linguagens da performance, dança e teatro. Com a direção de Fred Nascimento e preparação corporal de Lau Veríssimo, o grupo vem desenvolvendo uma linguagem híbrida e ritualística, se propondo a atuar junto aos espectadores, buscando envolver todos seus sentidos físicos, deles e nossos, para que assim seja atingida também uma metafísica. As várias camadas que formam a poética inquieta do grupo,

conta com um constante processo de mutação de seus trabalhos, que o levou a realizar sua última pesquisa “Metamorfismo de (R)existência”, que contou com incentivo do FUNCULTURA, e trouxe como resultado o espetáculo ITAÊOTÁ. O Totem é um dos grupos mapeados pelo RecorDança, a partir de 2003, quando o acervo foi constituído e desde então parte de suas produções vem sendo organizadas e disponibilizadas no site do acervo, onde pode ser encontrado o histórico: Grupo Totem (1988).

### **Performar memórias**

O processo criativo de ITAÊOTÁ percorreu um longo caminho, partindo desta existência que se mantém em metamorfose e assim também em resistência, o grupo teve como ponto de partida revisitar e se inspirar em seus espetáculos “Ita” e “Caosmopolita”. E assim, performar essas memórias, mas assumindo suas transformações para que uma nova criação viesse a tomar corpo.

*Ita* (1992 a 2002), um espetáculo que corporifica a pesquisa de linguagem do grupo, traça um percurso que vai desde o Big Bang até o surgimento dos primeiros hominídeos. A corporeidade deste trabalho busca investigar a memória evolutiva das espécies no corpo humano, fazendo emergir seres peixes, lagartos, pássaros, felinos, hominídeos, perseguindo tanto uma ancestralidade animal, quanto o surgimento da ritualização como fator estruturante da vida em sociedade. Alguns vestígios históricos deste trabalho podem ser encontrados no site do Acervo RecorDança, reunindo materiais sobre o espetáculo, onde foi possível organizar dois folhetos, uma foto, quatro programas, o cartaz, dois vídeos de trechos do espetáculo e um registro em audiovisual do espetáculo, em sua última versão, intitulado Ita in Process.

Em *Caosmopolita* (2005 a 2009), o grupo mergulhou no caos dos centros urbanos para investigar seus efeitos neste corpo contemporâneo, explorando tensões internas e externas vindas deste cotidiano urbano. Um trabalho de reflexão e denúncia sobre as grandes cidades e seus males, sobre os rumos que a sociedade vem construindo para si e para o mundo ao seu redor. A montagem é formada por blocos que não obedecem a uma sequência lógica, mas que apresentam fragmentos da complexidade urbana. Alguns rastros deste espetáculo estão presentes no acervo, disponibilizados em um histórico do espetáculo, uma foto e o registro em audiovisual.

É possível perceber nesses dois trabalhos corporeidades distintas: de um lado, um corpo com base animal, humano ancestral, integrado à natureza; e em outro extremo um corpo estressado, automatizado, imerso na frieza das relações. Tendo consciência de que carregamos em nosso próprio corpo estas duas referências, como também o poder de construir novos rumos para o mundo que queremos, foi que surgiu a ideia de criar um novo trabalho, que fosse além

da denúncia e da rememoração, que propusesse caminhos possíveis de cura para as consequências do mundo caosmopolitano.

Para o grupo, muitas das mazelas deste tempo que vivemos, que recaem sobre a própria terra e sobre todas as relações, já possuem soluções, que podem ser buscadas nos povos originários deste país e nos saberes que os povos africanos cultivam através dos tempos. O grupo volta-se para a presença da sabedoria destes que, como tantas outras culturas pré-existentes, foram sendo apagadas por uma cultura hegemônica, imposta através do processo de colonização. Na guerra travada contra o esquecimento, iniciada em 1993, o Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comando Geral do Ejército Zapatista de Libertación Nacional, durante encontro em Milpa Alta no México, expõe os equívocos ocorridos durante a colonização da América:

Se equivocaron hace 500 años diciendo que nos descubrirían. Como si hubiera estado perdido el otro mundo que éramos. Se equivocaron llamando "civilizar" a la acción de destruir, de matar, de humillar, de perseguir, conquistar, someter. Se equivocaron cuando a matar un indio le llamaban "evangelizarlo". Se equivocan cuando a este asesinato hoy se le llama "modernizarlo". Para ellos, nuestras historias son mitos, nuestras doctrinas son leyendas, nuestra ciencia es magia, nuestras creencias son supersticiones, nuestro arte es artesanía, nuestros juegos, danzas y vestidos son folklore, nuestro gobierno es anarquía, nuestra lengua es dialecto, nuestro amor es pecado y bajeza, nuestro andar es arrastrarse, nuestro tamaño es pequeño, nuestro físico es feo, nuestro modo es incomprendible. (CCRI-CG del EZLN, 2001 apud CECEÑA, 2005, p. 89)

Entendendo que o processo colonizatório e a lógica da modernidade vem conduzindo o ideal de civilização ocidental, que encara hoje suas consequências, o conceito de descolonização foi o guia escolhido, a princípio, para o processo criativo de ITAÊOTÁ. No desejo de vivenciar uma memória instintual que pode nos auxiliar a caminhar longe de sermos uma ameaça para todo esse sistema vivo que é o planeta. No processo de pesquisa em torno da descolonização, novos termos, aparentemente similares, mas que foram se diferenciando no decorrer da caminhada, foram sendo assimilados ao estudo, que irei aprofundar mais à frente.

### **Processo é metamorfose**

O projeto de pesquisa atravessou três etapas, cada uma voltada para um dos temas, sendo estas respectivamente: Ita, Caosmopolita, descolonização. Com a condução de Lau Veríssimo, a primeira etapa vivenciada ainda no segundo semestre de 2019 contou com laboratórios entre ex-integrantes e atuais do grupo, a fim de vivenciarmos o chamado das memórias das espécies animais escondidas em nossos corpos e dos princípios do espetáculo *Ita*, que também sofreu inúmeras mutações, durante a uma década que foi apresentado. Um dos ex-integrantes, Dr. em

Artes Cênicas, hoje professor da UFG, Alexandre Nunes, foi convidado para contribuir com esta primeira etapa, conduzindo um laboratório teórico-prático, a partir de sua experiência no grupo, onde participou da criação e circulação do espetáculo. Foram revividos treinamentos que foram desenvolvidos a partir do espetáculo, que ele carrega no corpo e na vida, tendo se desdobrado em suas pesquisas artísticas e acadêmicas após sua saída do grupo. Ao mesmo tempo em que revisitávamos gestos, sons, imagens, reconstruíamos essas memórias em novas possibilidades de criações em cada novo corpo participante. O encontro com Alexandre explicita o entendimento de *Ita* como um metaritual sobre a essência da vida, por conter, num espetáculo ritual, a ritualização da existência. Para ele, as características do trabalho, o aproxima da conceituação de bioantropológico, que abrange o estudo das dimensões tanto biológicas quanto antropológicas do ser humano. Sua participação durante a mesa de conversa “Teatro, Performance, Ritual: encontros, cruzamentos, contaminações” ao final desta etapa, junto a Fred Nascimento e a também ex-integrante do grupo e de *Ita*, Angélica Costa, se deu na mesma noite de apresentação da primeira demonstração de trabalho do projeto, na cidade de Olinda. Na performance apresentada, as corporalidades animais já carregavam influências dos corpos contemporâneos imersos no stress da civilização e nos distúrbios resultantes desta, tensionando esse habitar de memórias que nos constituem.

Durante a segunda etapa nos debruçamos sobre *Caosmopolita*. O olhar sobre estes dois espetáculos do grupo, se originou durante o mestrado de NASCIMENTO, onde ele relata sobre o desenvolvimento deste corpo-cidade para o espetáculo, que “para a criação de *Caosmopolita* foram desenvolvidas pesquisas que proporcionassem o desvelamento de como a cidade é percebida pelo corpo, como conjunto de condições interativas, e como o corpo expressa a síntese dessa interação, manifestando-a.” (2019, p. 131). Enquanto as práticas de experimentações corporais em torno das questões urbanas se desenvolviam, neste ponto fomos atravessados pela instauração da pandemia mundial de COVID-19. Justo quando questionávamos os percursos de uma civilização que vem se desenvolvendo numa competição com a natureza, em pleno Antropoceno, termo que designa a era geológica atual, que é caracterizada pelo impacto do Homem na Terra, a humanidade entrou nesta calamidade de saúde social. Pausa, isolamento, adaptação virtual aos trabalhos do corpo, cuidados individuais e coletivos, foram remodelando este fazer e ampliando as fontes de pesquisa durante esta etapa. Fomos atravessados pela paralização, pelos repensares sociais e ambientais que por fim, vieram à tona, diante da aparente regeneração em partes do planeta em que a presença humana foi reduzida nas ruas.

Ao rememorar o espetáculo, sobre a cidade e seus registros em gestos, vídeos, fotos, referências teóricas, pudemos conectar o sufocamento dentro de engarrafamentos e grandes

multidões, com alguns dos sintomas respiratórias provocados pela doença. Fatos como a falta de acesso à água para uns e a necessidade de manter as mãos limpas para o bem estar de todos, se tornou ainda mais gritante. Observamos o papel que é imposto socialmente às mulheres, responsabilizadas pelo cuidar e assim estando à frente no combate ao COVID-19. Mulheres que a cada dia mais se levantam contra as opressões, em meio a sociedades embasadas em sua subjugação, vindo à tona um grande número de separações durante o isolamento. Esteve exposto o poder que determina a cura ou o seu adiamento. A luta dos povos indígenas e sua vulnerabilidade ao vírus, diante de mais uma epidemia, entre outras conexões possíveis durante todo o ano de 2020, em que estivemos sobre este foco na pesquisa. Ao mesmo tempo em que debatíamos sobre o que nos trazia o pensamento difundido por Viviane Mosé, de como a civilização funciona como uma bolha, em guerra contra a vida, a ponto de termos substituído a vida por códigos, ideais, o virtual, ideias, imagens, vimos esses hábitos sendo reforçados categoricamente durante a crise pandêmica.

O modo de trabalho remoto nos levou a produzir pequenos vídeos individuais para a segunda demonstração de trabalho do projeto, que foram disponibilizados no canal do grupo Totem no Youtube. “Pele”, de Inaê Veríssimo, reflete sobre a mulher como uma presa, no contexto social, ao mesmo tempo em que está relacionado ao comportamento animal; “Aterramento”, de Juliana Nardin, explora a conexão e desconexão na relação com os aparelhos eletrônicos e a própria natureza; “Seiva”, de Íris Campos, trata sobre o fluxo de energia que flui da raiz à copa, entendendo este tronco como o presente, que age sobre o futuro que queremos; “Somos”, de minha autoria, joga com a dor do isolamento dos humanos durante a pandemia, aludindo às gaiolas onde vivem muitas espécies em nossa cultura, mas que não toca a maioria da população em seu cotidiano; “Revolver”, de Lau Veríssimo, simboliza o despir-se das camadas grossas que nos afastam de nossa ancestralidade presente. As criações reforçam a integração entre os universos de *Ita* e *Caosmopolita* e inauguram novas etapas de mutação do trabalho do grupo, desta vez somadas à linguagem do audiovisual, como transversalidade deste contexto pandêmico. Todos os vídeos podem ser acessados através do endereço: <https://www.youtube.com/@GrupoTotemRecife>.

Por fim, nos voltamos para explorar modos de descolonizar, o poder, o saber, o ser, durante a terceira etapa de pesquisa. Neste aprofundamento do termo ‘descolonização’ que, apesar de ter sido cunhado em meados do Séc. XX, é ainda muito recente sua difusão na cultura ocidental, novas abordagens foram sendo assimiladas ao trabalho do grupo. Originalmente, a ‘descolonização’ faz referência às “contribuições teóricas situadas nos espaços de descolonização dos domínios imperiais francês e britânico no início do século XX, desconsiderando o longo período anterior de colonização das Américas” (LEDA, 2015, p. 118-

119). Partindo da Índia e Oriente Médio, ao chegar na América Latina, o pensamento foi sendo regido de modo a considerar as especificidades da colonização nas Américas, que funcionou como uma extensão europeia, diferentemente do contexto onde o termo se originou. Denominado de giro decolonial por Mignolo, “não se trata, portanto, de transpor a perspectiva da modernidade, mas expandi-la para além das fronteiras europeias, interceptando o impulso totalizante de suas narrativas universais através dos saberes subalternos.” (LEDA, 2015, p. 123). Propondo assim, não apenas uma atualização epistêmica, mas também sua aplicação prática, de forma a ressoar um paradigma já existente, pensando e agindo, tendo como referência o olhar sobre o mundo a partir de outras perspectivas.

Reconhecer nos saberes e práticas tornados não hegemônicos, caminhos possíveis de ressocialização e de relação com a natureza. Sem entendermos as lutas que combatem o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, que são formas de dominação do outro e que se retroalimentam, não seria possível ultrapassar a compreensão que determina o que deve ser considerado válido ou não. Seria preciso potencializar o presente a partir da visibilização de culturas não-hegemônicas, para criar o futuro. E assim, entendendo a perspectiva decolonial como um projeto político, que visa abarcar a pluralidade de resistências e assim reinventar a emancipação social, a decolonização passou a ser o termo mais utilizado a partir de meados do projeto.

Vimos a compreender que há uma hierarquização do conhecimento e reconhecer isto é uma visão decolonial. Ao buscarmos a ancestralidade indígena brasileira, que é constituída de saberes há muito negligenciados, em suas relações de respeito à terra, acessamos o trabalho da ceramista indígena Deba Tacana, onde nos encontramos com a argila, com o barro de transformação, o corpo cerâmico. Partimos do corpo e da relação dele com a argila e de como essa argila nos sugere novas relações com a natureza que somos. Este foi o mote para a criação advinda desta etapa, onde produzimos a videoperformance coletiva “Aêotá” para a terceira demonstração de trabalho da pesquisa, que também foi lançado no canal do grupo no Youtube, vide link disponibilizado acima.

Para outros aprofundamentos acerca de alguns temas desenvolvidos neste texto, no canal do grupo no YouTube, é possível acompanhar as mesas de conversa, “Descolonização, Arte e Resistência”, que contou com a presença de Ailce Moreira e Jailson de Oliveira, realizada em 15/01/2022, oriunda do terceiro movimento do projeto; como também a mesa de conversa “Teatro Ritual e Descolonização”, que contou com a presença de Bruno Siqueira e Renata Wilner, realizada em 18/12/2020, durante o segundo movimento da pesquisa; além da live de compartilhamento do processo de pesquisa com os integrantes do grupo: Íris Campos, Inaê Veríssimo, Fred Nascimento, Juliana Nardin, Lau Veríssimo e Taína Veríssimo.

## ITAËOTÁ

Para desembocar em ITAËOTÁ, foram vivenciadas inúmeras camadas, no decorrer dos três anos de pesquisa, sejam elas corporais, teóricas, pessoais, coletivas, etc., que fazem desse processo de curadoria para a criação final também uma longa caminhada. E sem deixar de assumir que este espetáculo, como um desdobramento das etapas anteriores e conclusão de todo este ciclo produtivo, se mantém em processo de metamorfose contínuo, pois que a investigação nunca acaba e sempre haverá renovações a serem feitas no trabalho criado.

Cada um dos espetáculos pesquisados reúne um universo próprio, que foi aberto a constantes desdobramentos, possibilitando que as afetações que vivenciamos individualmente, quanto coletivamente, fossem integradas. Estar realizando este projeto durante a pandemia deixou ainda mais forte a necessidade e o interesse por reforçar outros caminhos de estar no mundo, a partir de modos que já existem, mas que dependem de visibilização para que sejam reconhecidos, valorizados e expandidos.

Para isso reivindicamos o conceito de “rebeldes contentes”, cunhado pelo sociólogo português Boaventura de Souza Santos, para aqueles que sabem dos limites de sua força, mas que sabem que tem força e que carregam no corpo a potência de aumentar a vida. Identificamos nas manifestações culturais que os povos indígenas e africanos cultivaram através dos tempos este corpo de resistência. A perseverança em realizar suas cerimônias, rituais, religiosidades, garantiram uma resistência, não só física, mas também psíquica ante as opressões a que foram submetidos, mantendo esses corpos ativos, fortes e atuando sobre o ânimo destes povos. Resistir em existir, e existir não como sobrevivência, mas como pertencimento de uma coletividade junto ao todo, composto de ritmo, expressão, beleza, força, sabedoria. Essa sabedoria nos leva aos processos de aquilombamento e aldeamento, a este corpo de resistência contra-hegemônica, que são também corpos solidários e que vivem em comunidade. O que nos conduziu a desejar que o espetáculo envolvesse o coletivo, ao ponto de fazer o público participar ativamente do ato ritual.

Tendo as relações de equilíbrio com a mãe natureza como outro ponto forte de decolonização, indo na contramão da luta que se trava contra a natureza, onde tudo é considerado recurso mercantilizável e seu consequente impacto negativo na terra, evocamos imagens naturais, o trato com a terra, a floresta em pé, a força feminina, a nutrição, a mãe/terra. E assim fomos trazendo elementos simbólicos que identificamos como pontos de conexão entre os saberes que cultivam este tipo de relação e que promovem a decolonização do poder, do saber e do ser. Através de experimentações em laboratórios-rituais, trouxemos as maracas, instrumento indígena e ancestral que carrega como parte de seus simbolismos, o cabo de

madeira como representante na natureza e a cabaça, que contém o cosmos em seu interior, estabelecendo uma ligação entre as dimensões menores e maiores da existência; trouxemos também o urucum e suas sementes de cor vermelha-alaranjada, vegetal utilizado de forma muito forte nas culturas indígenas brasileiras em pinturas corporais, que tem o papel de integrar o corpo humano às plantas e nos lembrar que somos também natureza; acrescentamos também a presença das ervas que curam, cultivadas por sabedorias originárias e africanas, e que configuram um conhecimento sobre a relação entre os vegetais e a saúde para o contribuir com equilíbrio dos corpos; trabalhamos com os animais de poder, como continuidade dessa investigação da memória animal, mas indo além, refletindo nossas potencialidades instintivas que podem ser observadas na fauna e nos ensinamentos advindos da relação com este aspecto da vida.

Como reconhecimento da vida também como pulsação e ritmo, não só como pragmatismo, exploramos os ritmos ditos populares, como o coco e o caboclinho, associados aos instrumentos artísticos milenares, do tambor e aos chocalhos feitos de Pequi, Jatobá e Seringueira, árvores nativas dos biomas brasileiros, para compor este rito. Na medida em que ritualizamos a relação com estes elementos, trazendo para a pesquisa de linguagem que desenvolvemos no grupo, vamos associando novas camadas para a existência deles e as nossas, permitindo a construção de uma poética cênica que resulta de todas essas dimensões envolvidas. E assim considerando também a consciência espiritual que vem destas práticas, de forma integrada com as dimensões socioculturais. Sem a qual, a suspensão do céu, difundida por Kopenawa (2010), grande Xamã Yanomami, não seria mais possível.

No livro, testemunho autobiográfico - manifesto xamânico – chamamento pela defesa da floresta amazônica, *A Queda do Céu*, Davi anuncia que na visão Yanomami, na floresta viva é onde vivem os espíritos que nos protegem e que através da comunicação dos xamãs com esses seres, os Xapiris, é possível sustentar o céu. Sem a floresta viva, perdemos a proteção, perdemos os Xamãs e o céu irá desabar, explicitando a correlação existente entre a vida da floresta, a dimensão espiritual, a proteção, o cuidado com o outro, o universo, e que este desabamento afetaria não só os indígenas, mas também os não-indígenas, principais responsáveis pela destruição da floresta.

A denominação indígena para América, *Abya Yala*, na língua do Povo Kuna da Colômbia, que tem como significado *terra em plena madurez, terra viva, terra em florescimento*, nos diz muito sobre a visão e o tratamento dado ao território que habitamos pelos povos originários do continente. Mas a colonização mudou isso, não só o nome, mas toda a relação com a terra. Por isto, a visibilidade de nomes como este e como ITAÊOTÁ, um neologismo formado a partir das palavras 'ita', 'pedra' em Tupi e Aêotá, 'coração' em língua extinta, acessada em nossas

vivências, evidenciando também a produção de conhecimento a partir de práticas não hegemônicas, destacam um movimento crescente de visibilizar saberes subalternizados.

Ainda que sem nos desvencilharmos da corporeidade urbana atual, pois esta experiência também se faz presente em nossos corpos, e parte dessas características se encontram em diálogo com as alternativas de saídas propostas pela montagem de ITAËOTÁ, seja através do corpo, da música, da projeção, é preciso sempre estarmos atentos ao sentir-pensar, ao modo de vida em Abya Yala, ao processo de conhecimento que passa antes pelo coração. Nesta visão de mundo de povos originários do território hoje chamado americano, o intelecto é o coração. Ao observarmos que a civilização ocidental hegemônica se desenvolveu tendo o pensamento como base do intelecto, sugerimos que voltar ao coração seria um outro modo de decolonizar, de propor outros caminhos. Por isto, ITAËOTÁ vem também para aquecer corações e comunicar através desse pulsar, deste fogo vivo, que pode nos conduzir a tomarmos melhores escolhas em torno da vida.

#### **Referências:**

CECENÃ, Ana Esther. **Hegemonias e emancipações no século XXI**. 1ª ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2005.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LEDA, Manuela: **Teorias pós-coloniais e decoloniais: para repensar a sociologia da modernidade**. Temáticas, Campinas, 23, 45/46, p. 101-126, fev./dez., 2015.

MOSÉ, Viviane. **A espécie que sabe: do Homo sapiens à crise da razão**. Petrópolis: Vozes, 2019.

NASCIMENTO, Fred. **Grupo Totem: a Infecção pela Performance e a encenação performática**. Recife: SESC, 2019.